Dos varais

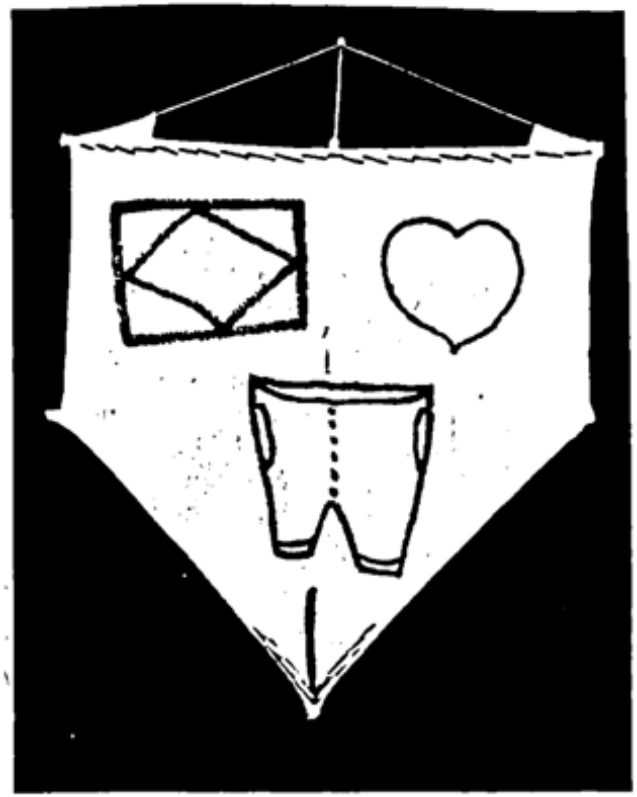
FRANCISCO GREGÓRIO FILHO*

As revistas de histórias em quadrinhos, o cinema, o rádio e o circo eram as minhas grandes paixões. Principalmente os circos que apresentam os dramas.

Os dramas clássicos. No circo assisti a Romeu e Julieta, Édipo Rei, Antígona, Deus lhe Pague, As mãos de Eurídice, Medeia e O Grande Teatro do Mundo, Fuente Ovejuna, A Mãe Coragem, As Confrarias, A Falecida, O Auto da Compadecida, O Capeta de Caruaru, Navalha na Carne, Roda Viva, O Ultimo Carro, Entre Quatro Paredes, Ópera do Malandro, Um Grito Parado no Ar, Rasga Coração e tantos outros, mostrados pelos artistas dos circos mambembes que passavam pela cidade.

Na verdade, eram adaptações rápidas das tragédias, dos dramas, das comédias e dos contos de autores e dramaturgos considerados clássicos. Da marca desses autores, entretanto, pouco ficava nessas adaptações, desenvolvidas de acordo com os recursos do circo e o número de artistas disponíveis.

Geralmente apresentavam o mocinho, o vilão, a mocinha bondosa, a dama perversa e ainda o narrador. Quase todas as adaptações resultavam nesses quatro ou cinco personagens. Mas, mesmo assim, esses artistas arrancavam lágrimas e grandes aplausos da platéia. Eu também gostava. Devo grande parte de minha formação de leitor à essas dramatizações que assisti com meus colegas e amigos nesses circos. A partir desses espetáculos procurava ler seus autores. Li os textos dos dramaturgos Sófocles, Eurípides, Calderon de La Barca, Lope de Veja, Moliere, Shakespeare, Bertolt Brecht, Sartre, Joraci Camargo, Pedro Bloch, Oduvaldo Viana, Jorge de Andrade, João das Neves, Nelson Rodrigues, Paulo Pontes, Vianinha, Ariano Suassuna, Guarnieri, Francisco Pereira da Vila, Chico Buarque, Aldomar Conrado, Maria Clara Machado, Millôr Fernandes, Plínio Marcos e alguns outros tão importantes para o enriquecimento de nossos repertórios para melhor qualificar nossa capacidade de argumentar.



De compreender a complexidade humana. Precisamos incentivar nossos educadores e jovens para a leitura da dramaturgia universal e brasileira. Oferecermos esses acervos de maneira acessível através das Bibliotecas Públicas, Comunitárias e Escolares em nossas Universidades e Municípios. Ainda há tempo!

Sempre após a dramatização os circos apresentavam uma atração internacional. Era uma mulher dançando rumba. A rumbeira do circo despertava grande interesse na rapaziada. Quase sempre essas mulheres que dançavam rumba falavam a língua castelhana e vinham do Peru, da Colômbia, da Bolívia ou de Cuba. Éramos fascinados por essas dançarinas de rumba. Morenas, pernas grossas, quadris que remexiam imaginações a noite inteira em nossos sonos e sonhos.

Os seios cheios, estufados no corpete para tremerem voluptuosamente, deixavam-nos delirar.

Geralmente nessas noites, dormindo, molhávamos os lençóis de nossas camas. Cedinho, lavávamos as manchas dos lençóis e os pendurávamos nos varais. Quando o circo se apresentava com o quadro da rumbeira, no outro dia pela manhã, nos quintais, os varais revelavam os sonhos da noite Atualmente estudo espanhol com Dona Raquel, peruana, uma professora ex-rumbeira de circo. A professora Raquel ensina a sua língua lendo os textos dramáticos e os poemas de Garcia Lorca. E por falar nisso, cadê os circos populares com seus artistas e as dramatizações, por onde andam?

* Contador de Historias